


AGENCIAMENTO NA RELAÇÃO PSICÓLOGA-PACIENTE: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA SOBRE ASSÉDIO NO CONSULTÓRIO PSICOTERÁPICO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-429>

Data de submissão: 26/11/2024

Data de publicação: 26/12/2024

William Soares dos Santos
Gabriela Viol Valle

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa, em andamento, de doutorado cujo objetivo é investigar casos de assédio de homens a psicólogas mulheres dentro do consultório psicoterápico. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista; os dados foram gerados por meio de entrevista oral, individual e online (modalidade remota síncrona), realizada através da plataforma Google Meet. A entrevista foi gravada e, posteriormente, transcrita para análise. A entrevista foi co-construída entre a pesquisadora mulher e por uma mulher psicóloga que atua na área da psicologia clínica e que entende ter sofrido assédio por um paciente homem no consultório. A anuência para a realização da entrevista analisada neste recorte, bem como sua gravação e transcrição, foi dada pela participante via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O tratamento e a análise dos dados foram feitos a partir de análise de narrativa e do discurso. De modo mais específico, nos dados selecionados para este trabalho, buscamos investigar acerca do agenciamento da profissional diante da situação experienciada, a fim de promover novas inteligibilidades que dizem respeito à temática de assédio no contexto específico desta pesquisa, buscando trazer, assim, novas reflexões pertinentes para profissionais desta área.

Palavras-chave: Estudos de Narrativa. Assédio. Clínica Psicoterápica. Agenciamento. Discurso. Relação Psicóloga-Paciente.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é a agência de uma psicóloga clínica no consultório frente a um caso de assédio, sendo o objeto discursivo do estudo partes da narrativa da psicóloga sobre esse evento com um paciente homem. Considero que a construção das narrativas está atrelada ao caráter metapragmático da linguagem, isto é, reflexivo sobre as vivências cotidianas. Assim, concordamos com Bastos e Biar (2015) que as narrativas elaboram significados sociais, os quais advém de construção ativa, uma vez que o mundo social é imaginado à medida que as pessoas o discutem. Tais discussões são a base para entender determinados funcionamentos sociais.

Os estudos da linguagem sob uma abordagem social são importantes para compreender a análise de narrativas em contextos interacionais (PEREIRA e CORTEZ, 2011; BASTOS, 2005, 2004). As propostas da Linguística Aplicada INdisciplinar (MOITA LOPES, 2006) mostram-se um caminho para refletir e apreender cenários sociais específicos e vivenciados na prática cotidiana. Assim, levando em consideração a conjuntura a qual se propõe estudar a Linguística Aplicada, a proposta deste estudo é relacional, isto é, interliga a Psicologia Clínica e a Análise de Narrativa em contexto interacional, uma vez que a Linguística Aplicada Indisciplinar defende a “imprescindibilidade de uma LA híbrida e mestiça” (MOITA LOPES, 2006, p. 97), que estabelece diálogo com outras áreas do saber.

Levando em consideração os campos dos Estudos da Linguagem e da Psicologia alguns questionamentos, acerca do uso da linguagem no contexto de atendimento psicoterápico e narrativas, surgiram como motivação para o presente tema desta pesquisa, tendo em vista que o maior alicerce dos processos de tratamentos psicológicos é a forma que os pacientes utilizam a linguagem para se expressar, bem como a maneira com que esses usos são interpretados pelo profissional.

Assim, traçamos como objetivo a ser investigado neste trabalho observar e refletir sobre (i) como a psicóloga avalia e interpreta os limites da relação com seu paciente e (ii) de que forma agenciou a situação de assédio vivenciada por ela dentro do consultório. Portanto, buscamos observar, a partir da narrativa da psicóloga, como foi usada a linguagem na interação entre ela e seu paciente dentro do consultório psicoterápico nesse caso de assédio.

2 A LINHA TÊNUE EXISTENTE NA RELAÇÃO PSICÓLOGA-PACIENTE

A relação psicoterapêutica precisa ser entendida tanto pelo psicólogo quanto pelo paciente, pois são eles quem determinam juntos as práticas dessa relação. Assim, considerando que a interação é o pilar para o tratamento psicoterapêutico, as delimitações dessa relação exigem que sejam criadas “regras específicas da etiqueta linguística” (POVINELLI, 2016, p. 211). No contexto psicoterápico,

há uma complexidade no limiar existente na relação psicólogo-paciente, pois essas regras específicas não podem limitar a forma como os pacientes se expressam no que diz respeito às suas demandas psicológicas, visto que a interação é um elemento basilar para a atuação do profissional. No entanto, ao mesmo tempo, é preciso que as regras dessa relação sejam bem definidas para que haja uma garantia de que ela esteja sendo psicoterapêutica para o paciente.

Leitner (1995) discute sobre considerações acerca da “distância terapêutica ideal”. Para o autor, na relação entre psicólogo e paciente, é imprescindível que haja uma combinação entre o vínculo e, ao mesmo tempo, o distanciamento entre eles. Essa distância ideal “implica estar próximo o suficiente do outro para experimentar os sentimentos do outro, enquanto está distante o suficiente para reconhecê-los como dos outros e não os próprios do terapeuta” (LEITNER, 1995, p. 362). Apesar de o enfoque dado por Leitner (1995) ser no que diz respeito ao equilíbrio dos sentimentos do psicoterapeuta, podemos dizer que há a mesma preocupação em relação ao paciente. A distância vislumbra evitar que essa confusão de sentimentos aconteça por parte do paciente e que se torne mais uma demanda, uma vez que ao se sentir acolhido e/ou observar melhora em seu quadro clínico, é comum que o paciente desenvolva sentimentos de afeição em relação ao psicólogo (FREEMAN e DATTILLIO, 1998).

O desenvolvimento da relação entre paciente e psicólogo está suscetível a complicações no nível interacional quando as regras específicas não são bem definidas por ambos, sobretudo quando há um desequilíbrio na distância terapêutica ideal e os limites dessa relação são ultrapassados. Em contrapartida, um dos pontos essenciais para que uma intervenção psicoterapêutica seja eficaz é a construção do vínculo entre o psicólogo e o paciente (ROGERS, 1951; YOUNG, 2008; FREUD, 1969), uma vez que é preciso que seja desenvolvida uma relação de confiança entre ambos para que o paciente se sinta confortável para compartilhar suas demandas. No entanto, os limites dessa relação apresentam uma linha tênue, a qual, se ultrapassada, pode gerar resultados negativos tanto para o tratamento do paciente, quanto para o profissional que está atuando (KLEIN, 1952; HEIMANN, 1950, FREUD, 1996).

No que diz respeito ao assédio, embora a sua definição varie, no âmbito da área da saúde tem seu foco na repetição de atitudes importunas por parte do assediador e na motivação do comportamento desse sujeito (MULLEN *et al.*, 1999), o qual consiste em uma interação em que não há consenso entre as partes, além de ameaças que resultam em medo por parte de quem está sendo assediado/perseguido. Alguns estudos internacionais apontam para situações de importunação a psicólogos/psiquiatras e/ou profissionais da saúde por parte de seus pacientes (STEVEN *et al.*, 2002; KIVISTO *et al.*, 2015; TRYON, 1986; JONES e SHERIDAN, 2009).

Apesar de haver pesquisas na área de uma forma mais ampla, o recorte ao qual se propõe este trabalho é em como uma psicóloga narrativiza reflexões, isto é, metapragmáticas sobre um caso de assédio em uma consulta psicoterapêutica, uma vez que estudos apontam um número significativo de assédio a mulheres no local de trabalho (MORANDI *et al.*, 2018; AGUIAR, 2005; Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa [IBGE], 2009-2012) e que o consultório é a instituição laboral destas profissionais. Assim, investigar sobre a relação entre psicóloga e paciente pode criar inteligibilidades sobre os limites dessa relação no consultório psicoterápico quando se trata de profissionais mulheres.

3 CONSTRUINDO NARRATIVAS: A LINGUAGEM COMO FORMA DE ATUAR NO MUNDO

Uma narrativa pode ser entendida como uma forma de contar histórias¹ cotidianas, ou seja, de explorar vivências passadas de modo a construí-las no presente (LABOV, 1972, SANTOS e BASTOS, 2009, 2013). Schifffrin (1987) ressalta que elaborar narrativas pode ser entendido como uma forma de simbolizar, transformar e reorganizar tais experiências, que aconteceram em contextos específicos de interação. Assim, entendemos que toda vez que narramos estamos construindo significados sobre a vida social. O narrar promove, metapragmaticamente, entendimentos que a todo momento reconstroem nossas experiências e nossas ações no mundo.

Desse modo, as narrativas podem ser interpretadas como uma prática de construção social. E, nesse âmbito, funcionam como uma possibilidade de pensar a experiência humana e de estudar a vida social (BASTOS, 2004). As narrativas elaboradas em entrevistas, que são gravadas e transcritas, proporcionam uma análise relacional entre o que contam os narradores das histórias e o que interpretam os pesquisadores (RIESSMAN, 2008).

A narrativa, assim, parte de uma posição interacional. Para este trabalho, consideramos a influência do contexto em que foi construída a narrativa da participante, bem como da relação entrevistadora-entrevistada nesse processo. Mishler (1999) propõe uma perspectiva de narrativa como uma “performance situada”, destacando a importância de se considerar a contextualização em que as narrativas são construídas.

Labov (1972) foi um dos pioneiros nos estudos de análise de narrativas, no âmbito da sociolinguística. O autor propõe a existência de alguns elementos para a construção da narrativa, sendo eles: resumo, orientação, ação complicadora, resolução, avaliação, coda (LABOV, 1972). Todavia, o

¹ Esclarecemos que estamos considerando neste trabalho história e narrativas como sinônimos.

próprio autor elucida que tais elementos não são obrigatórios para que uma narrativa seja construída, exceto a ação complicadora, que funciona como a base da narrativa.

Nesta pesquisa o foco de análise se concentrará na avaliação das narrativas, compreendendo que esta auxilia o narrador na construção de sua história, de modo que ele conta a situação vivida ao mesmo tempo em que faz uma avaliação dela. Assim, de acordo com Labov (1972), as avaliações permitem uma análise de alguns aspectos que estão presentes na elaboração de uma narrativa, tais como posicionamentos, emoções e afetos do narrador. Desse modo, entendemos que a avaliação da narrativa é uma ferramenta de que o narrador lança mão para determinar o foco ou o sentido da narrativa, isto é, para explicar a motivação do porquê está sendo contada, bem como o que se quer demonstrar e/ou provar ao contá-la.

Garcez (2001), assim como Labov (1972), mas do ponto de vista da Análise da Conversa, também defende a ideia de que a narrativa seria uma maneira de contar histórias de uma forma estruturada e que retrata a subjetividade, a identidade e a realidade social dos sujeitos que fazem parte do processo narrativo.

Naturalmente, ao construir uma narrativa e contar uma vivência, é comum que o narrador tenha algum objetivo. Conforme observou Schegloff (1997), as pessoas contam histórias para reclamar, explicar, alertar, justificar etc. Assim, quando um narrador elabora a sua história, podemos entender que ele busca desenvolver, no decorrer da sua narração, justificativas para os acontecimentos vivenciados.

O recurso das justificativas podem ser acionados através de *accounts*, que, segundo Buttny e Morris (2010, p. 286, tradução nossa), seriam “como as pessoas contam o seu lado da história, ou seja, interpretam e reconstroem retoricamente os eventos por meio da fala”². De Fina (2009) explica também que, uma vez que uma narrativa é construída conjecturando uma interpretação de um interlocutor, como em entrevistas para pesquisas, é comum que seja explicativa e performativa. Então, inferimos que os sujeitos se utilizem de *accounts* em situações em que eles pressupõem que estão sendo questionados e/ou avaliados (SCOTT e LYMAN, 1968) com o intuito de justificarem o que, por que ou como aconteceu a história que está sendo contada.

Portanto, considerando que esta proposta de pesquisa considera a linguagem como uma ação social (SCHIEFFELIN, 1990), em que as pessoas agem através das palavras e da língua em uso (AUSTIN, 1962, SEARLE, 1969, BUTLER, 1997; CAFFI, 2006), é imprescindível que observemos

² (...) how people tell their side of the story, that is, interpret and rhetorically reconstruct events through talk.

como elas agenciam situações experienciadas socialmente, a fim de compreender como se desenvolve um contexto de interação e as motivações dos sujeitos envolvidos que determinam como eles agem.

4 AGENCIAMENTO NO ÂMBITO PROFISSIONAL DA CLÍNICA PSICOTERÁPICA

Ahearn (2001, p. 112) define agência, a priori, como “a capacidade de ação mediada socioculturalmente”³, isto é, a forma como um indivíduo age socialmente está relacionada com o contexto ao qual ele está inserido culturalmente. O conceito de agência propõe-se a investigar como as pessoas pensam sobre as suas ações e as dos outros em episódios interacionais específicos (AHEARN, 1999) e mostra-se, portanto, essencial para este tema de pesquisa.

Para Jorge (2012, p. 3) a agência está relacionada com a “capacidade de ação de uma pessoa, de um mecanismo, ou de qualquer outra coisa pela qual alguma força seja exercida e, conseqüentemente, uma mudança seja produzida” (JORGE, 2012, p. 3). Sendo assim, na construção de um agenciamento, prevê-se uma alteração no cenário da situação em questão, a qual pode ser determinante no seu desfecho.

Partindo do ponto de vista do qual citei anteriormente, acerca do uso da linguagem enquanto ação social e/ou como uma forma de atuar no mundo, entendemos que seu entrelaçamento com a agência é intrínseco. Essa ideia está ligada ao caráter performativo da linguagem, o qual, como defende Duranti (2004), desenvolve um encadeamento em que um ato de fala está diretamente relacionado à agência, visto que quando um sujeito fala aciona uma realidade interacional que afeta o interactante.

Block (2012) propõe o conceito de agenciamento e explica que este está situado na “estrutura social e nas práticas cotidianas que, por sua vez, são feitas de interações” (p. 54). Então, podemos entender que há uma influência direta dos aspectos socio-interacionais na forma como agimos no nosso cotidiano, ou seja, o contexto no qual estamos inseridos e as identidades que assumimos, por exemplo, implicam nos modos de agência desenvolvidos.

Rajagopalan (2013) aborda a questão de agência relacionada ao poder no sentido de autonomia. Segundo o autor, uma vez que o agente é aquele que se utiliza da linguagem, ele pode, dessa forma, usufruir do seu direito de agir. Assim, entendemos que, através da linguagem, e de como fazemos uso dela em uma dada situação, podemos performatizar de modo que o sujeito interagente seja afetado compreendendo o limite daquele com o qual se fala. Essa perspectiva parece ser

³ Agency refers to the socioculturally mediated capacity to act. (texto original)

imprescindível para este cenário de pesquisa, uma vez que estamos falando sobre os limites da relação psicóloga-paciente, com foco, sobretudo, no que diz respeito aos direitos dessa profissional e como ela pode conquistá-lo através do modo como performatiza e, conseqüentemente, agencia uma situação de assédio.

Entendemos agenciamento e agência como processos imbricados. Agenciamento remete a uma agência coletiva que se dá por micro agências, enquanto agência, está inserida mais no âmbito individual. Portanto, partimos da perspectiva de que não existe agência que não seja dada a partir de uma cadeia de enunciados que antecedem a ação pela linguagem e, assim, consideramos que toda agência é, também, um agenciamento.

5 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A metodologia de pesquisa deste trabalho é qualitativa e interpretativista (DENZIN e LINCOLN, 2006; FLICK, 2009). A justificativa desta metodologia se dá devido ao que propõem Denzin e Lincoln (2005) acerca de uma interpretação a partir do olhar que as próprias pessoas atribuem na construção das narrativas. No caso desta proposta de pesquisa, da perspectiva de uma mulher e psicóloga clínica explicitada em sua narrativa sobre uma situação de assédio sofrida dentro do consultório psicoterapêutico.

Utilizamos a pesquisa qualitativa para este trabalho, pois consideramos a subjetividade, tanto do pesquisador quanto das participantes, como parte do processo investigativo da pesquisa (FLICK, 2009). Além disso, acreditamos no que também propõe Flick (2009) sobre a pesquisa qualitativa não ser um processo metodológico unificado, mas que, pelo contrário, mostra-se flexível e prevê as subjetividades que se manifestam nas interações, nas reconstruções e os significados relacionados às suas práticas.

O caráter interpretativista deste estudo é pautado no que elucida Santos (2013) acerca da localização, tanto do pesquisador quanto do participante da pesquisa, no mundo social. Assim, o pesquisador interpretativista “busca conferir inteligibilidade às práticas discursivas através das ferramentas teóricas que o auxiliam na prática interpretativa” (SANTOS, 2013, p. 28). Além disso, conforme salienta Velho (1978), os processos de subjetividade estão envolvidos na produção do conhecimento e, dessa forma, também são produções altamente ideológicas, ou seja, não há neutralidade.

5.1 GERAÇÃO, PROCEDIMENTO E ANÁLISE DOS DADOS E A PARTICIPANTE

A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista; os dados foram gerados por meio de entrevista oral semi-estruturada (Cf. BASTOS & SANTOS, 2013), individual e online (modalidade remota síncrona), realizada através da plataforma *Google Meet*. A entrevista foi gravada e, posteriormente, transcrita para análise. A entrevista foi co-construída entre a pesquisadora mulher e por uma mulher psicóloga que atua na área da psicologia clínica e que entende ter sofrido assédio por um paciente homem no consultório. A anuência para a realização da entrevista analisada neste recorte, bem como sua gravação e transcrição, foi dada pela participante via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A entrevista na pesquisa interpretativista é um mecanismo relevante que auxilia no entendimento de como se dá a construção de narrativas. Permite, ainda, observar diferentes perspectivas a performance narrativa, uma vez que ao narrar “não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca” (BASTOS, 2005, p. 74).

Além disso, “as entrevistas, para Baker (2001), são entendidas como oportunidades para que os envolvidos estabeleçam e restabeleçam relações de pertencimento a determinadas categorias institucionais, profissionais ou familiares” (ROLLEMBERG, 2013, p.43), o que significa que através delas é possível refletir sobre contextos de atuação profissional, como pretendemos neste trabalho.

É válido salientar que consideramos, nesta pesquisa, a entrevista como evento e/ou atividade de fala (MISHLER, 1986). Ao considerar a entrevista sob esse ângulo, entendemos que as falas são construídas em um ambiente interacional e que ele influencia no modo como as interações são desenvolvidas. Por isso, em uma entrevista cuja análise será narrativa e que tem um tema de vivência pessoal de uma psicóloga, frisamos a importância de que sua narrativa não seja limitada a responder apenas perguntas específicas moldadas por um roteiro, mas sim de como essa profissional escolheu contar sua história.

Os dados foram gerados a partir da narrativa construída pela participante durante a entrevista, a partir das quais observamos os questionamentos presentes nos objetivos da pesquisa. Após a realização da entrevista, os dados foram transcritos para posterior análise seguindo as bases de transcrição das convenções de Jefferson⁴ (1983) com algumas adaptações.

Propomos o desenvolvimento de uma entrevista ativa, considerando que este processo é interacional e que os participantes dessa interação desempenham um papel ativo (GUBRIUM e

⁴ Os símbolos utilizados neste trabalho foram: [,] entonação de continuidade, [sublinhado] ênfase, [>palavra<] fala mais rápida, [:][::] alongamentos, [()] fala não compreendida, [(())] comentário do analista, descrição de atividade não-verbal, [“ ”] fala relatada.

HOLSTEIN, 2003). Nesse processo, há uma construção situada, envolvendo outros cenários de interação, e as respostas das entrevistas seriam uma forma de experienciar as situações narradas (ROLLEMBERG, 2013).

A participante é uma profissional formada em Psicologia, com atuação em Psicologia Clínica, da vertente Analítica-Comportamental. Tem 26 anos e atua há dois anos, quando se formou na universidade. Trabalha com atendimentos online e presenciais e públicos diversos. Por questões éticas, os nomes, tanto da psicóloga quanto do paciente, utilizados nas análises são fictícios, não sendo expostas, portanto, as identidades verdadeiras dos envolvidos.

6 “ESTOU COMO SUA PSICÓLOGA E É ASSIM QUE EU VOU PERMANECER COM VOCÊ”

Para encontrar uma psicóloga que pudesse colaborar com a pesquisa contando a sua narrativa de assédio sofrido no consultório, foi divulgado em grupos de psicólogos e psicólogas um pequeno texto explicando a pesquisa. Por isso, a pergunta disparadora da narrativa da participante é iniciada solicitando-a que conte sua história sobre o caso (linhas 00- e 01). Em vista disso, também, é que a profissional começa a sua narrativa criando um *account* (BUTTNY e MORRIS, 2010), ou seja, uma justificativa do porquê ela achou importante colaborar e contar a sua narrativa.

As partes selecionadas como recorte para este estudo focalizam os agenciamentos da psicóloga frente a situações em contexto de consultório psicoterápico e em que ela precisou manejar interações com seu paciente, nas quais ele ultrapassa os limites ideais de uma relação psicóloga-paciente. Desse modo, Anna dá início a sua narrativa construindo, metapragmaticamente, sua agência enquanto psicóloga ao sinalizar que “achou importante comunicar sobre isso” (linha1). Apesar de não estar na posição de psicóloga atuante com um paciente, ao narrar sua história, Anna constrói a identidade de psicóloga para contar experiências vividas estando neste lugar.

Excerto 1 - Assédio nas entrelinhas

Pesquisadora	00 01	Eu quero que você me conte um pouquinho a sua história de assédio sofrida no consultório.
Anna	1 2 3 4 5 6 7 8 9	Aham, é:: eu achei importante comunicar sobre isso, porque:: às vezes fica muito realmente entrelinhas algumas situações de assédio dentro da, da clínica, né? Entrelinhas em que sentido? A gente, eu sou da abordagem analítica-comportamental, então a gente faz muita análise, né? do porquê da emissão daquele comportamento, dentro sessão, qual que é a função do cliente tá emitindo aqui:lo, se em um contexto de forma generalizada, se ele emite os mesmos comportamentos, enfim. Então:lo, hh só que acabou que não deu tempo d’eu fazer isso com esse caso específico e isso que me frustrou muito mais, porque eu não percebi o que que tava acontecendo.

	10 11	
--	----------	--

Vemos, já no início de sua fala, também, que, ao justificar, Anna problematiza situações de assédio vivenciadas dentro do consultório, uma vez que “às vezes fica muito realmente entrelinhas algumas situações de assédio” (linhas 2 e 3). A fala de Anna expressa a dificuldade encontrada na psicologia clínica no que diz respeito ao equilíbrio que deve ser encontrado entre a construção do vínculo - essencial para que uma relação entre psicólogo e paciente seja bem construída - (BURNS e AUERBACH, 2012) e o distanciamento necessário para que essa relação resulte em um bom processo terapêutico, como diz Leitner (1995), sobre a “distância terapêutica ideal”.

Ao destacar a importância de comunicar sobre o assédio e de problematizar esse tipo de situação, Anna assume um lugar agenciador de protagonismo, demonstrando uma agência através da linguagem sob uma ótica do que propõe Ferreira (2017) quando fala sobre o conceito de “agência-resistência”. Segundo a autora, “é nela que a linguagem demonstra as relações de poder que são combatidas por tais sujeitos-agente, que adquirem determinada posição de ator, senão de protagonista” (FERREIRA, 2017, p. 631), como podemos ver que acontece com Anna na situação narrada; Anna, nesse caso, não só mobiliza significados sobre sua agência no evento narrado, como também no próprio evento narrativo como uma forma de ação, de produção de efeitos de sentidos que agem no mundo.

Em seguida, Anna já se constrói em uma identidade profissional enquanto psicóloga, enquadrando-se, mais especificamente, na abordagem analítica-comportamental. Em sua fala “A gente, eu sou da abordagem analítica-comportamental, então a gente faz muita análise, né? do porquê da emissão daquele comportamento, dentro sessão, qual que é a função do cliente tá emitindo aquilo, se em um contexto de forma generalizada, se ele emite os mesmos comportamentos, enfim” (linhas 4 a 8), Anna faz uma conexão entre as dimensões individuais-coletivas, colocando-se como parte desse coletivo, como expresso em “*A gente, eu sou*”. Além disso, vemos, também, que ela lança mão de um processo de descrição de códigos acerca do que é e como se desenvolve a atuação desse tipo específico de profissional, remetendo ao que Sarangi (2000) fala sobre “tipos de atividade”, que seria como dinâmicas interacionais partem de padrões específicos em consultas médicas.

Após fazer uma breve contextualização de como se desenvolve o seu fazer clínico, Anna faz uma avaliação da situação vivida por ela com seu paciente, explicando que “acabou que não deu tempo d’eu fazer isso com esse caso específico e isso que me frustrou muito mais, porque eu não percebi o que que tava acontecendo” (linhas 9 a 11). Nesse processo de avaliação da psicóloga, observamos o

que diz Charlotte Linde (1993) sobre, ao narrarmos, criarmos uma auto-observação sobre nossos atos e, assim, uma auto correção. A profissional se auto-observa, percebendo, agora, no tempo narrado, o que estava sendo vivido no tempo da narrativa.

Excerto 2 - A primeira sessão

Anna	12	Na primeira sessão, eu sinalizei para ele sobre o sigilo ético, sinalizei pra ele que ali eu sou a psicóloga de:le, é:: inclusive eu vou repetir isso hh pra todos os casos que eu vejo a necessidade realmente, não só com homens, mas com mulheres também, em relação a isso de sinalizar que ali eu tô como psicóloga, eu to como Anna psicóloga. Eu não estou como uma ami:ga, não estou como:, enfim, qualquer outro rótulo. Aí sinalizei isso pra e:le, falei sobre os honorá:rios sobre cancelamento Nanananana, beleza.
	13	
	14	
	15	
	16	
	17	
	18	
	19	

No excerto 2, Anna esclarece para o paciente alguns elementos fundamentais no contexto de psicóloga-paciente para que “as regras específicas de etiqueta linguística” (POVINELLI, 2016. p. 11) -e aqui, por “linguística” entendemos como um conceito amplo que inclui aspectos da linguagem verbal, não-verbal, formal, informal etc- sejam estabelecidas de forma conjunta com seu paciente. Vemos que Anna elabora sua identidade profissional ao esclarecer a necessidade de “sinalizar que ali eu tô como psicóloga, eu to como Anna psicóloga. Eu não estou como uma ami:ga, não estou como:, enfim, qualquer outro rótulo” (linhas 16 a 18). A postura limitada ao seu papel enquanto psicóloga constrói-se a partir de um agenciamento performativo através da linguagem. Ana, através da linguagem, diferencia o aqui-agora de outros eventos interacionais. Dessa forma, a narradora ressalta como a relação com aquele contexto impacta nas formas que age naquela situação. Assim, nesse momento, percebemos a necessidade de estabelecer o enquadre interacional: uma consulta clínica. Como ressalta a narradora, suas formas de agir são altamente dependentes de onde, quando e com quem ela interage socialmente.

Excerto 3 - A segunda sessão

Anna	20	A minha cadeira fica do lado da porta, né? E nesse dia que ele veio para cá, falei “olha, hoje a gente vai numa sala diferente, tudo bem? Tudo bem”. Aí ele já entrou pedindo meu carregador, né, pro telefone dele, é:: ele tava o dia inteiro fora trabalhando e falou “An, me para o seu carregador?” e eu falei “Empresto, né”, não tem problema emprestar o carregador, beleza, pode colocar ai e tal, ai ele colocou o carregador do lado da toma:da, beleza, ok. A forma como ele sentou no sofá, já me veio um estranhamento. Eu sempre sinalizo nas primeiras sessões, fique à vontade, pode sentar onde você se sentir mais confortá:vel, com alguns clientes até brinco “se quiser pode até sentar no chã:o, né, se precisar, né, se for do seu conforto, não tem problema”. [...] E ai ele contando, né, as demandas dele, o que aconteceu no dia, eu perguntei como ele tava e tal e eu estranhei isso porque ele já sentou, não perguntou, às vezes a gente tem aquele, aquele acordo social “Tudo bem se eu sentar dessa forma, tudo bem se eu fiz esse”, mas ele não fez isso. Ele tirou o sapato e deitou direto. Sendo que eu sinalizei pra ele só na primeira sessão, né, de como ele poderia sentar, enfim. Deitou e no meio do relato dele
	21	
	22	
	23	
	24	
	25	
	26	
	27	
	28	
	29	
	30	
	31	
	32	

33	“Anna, posso usar o vapor?” ai eu “O vapor?” “é, podzinho, né, do cigarro eletrônico”, eu falei
34	“por quê?”, “Ah eu tô meio ansioso, eu to me sentindo ansioso, tudo bem se eu usar”, “Tudo
35	bem, ok. Se for para auxiliar em relação a ansiedade que você tá sentindo agora, tudo bem
36	beleza. Mas para mim foi um grande erro ter feito isso, que aparece que liberou para ele, isso
37	eu pensando depois, né, é:: parece que liberou para ele questões dele ficar à vontade. A forma
38	como ele sentou::u, ele tava usando cigarro eletrônico, parece que ele tava muito à vontade
39	perto de mim e isso me incomodou. E eu já fui preparada para a terceira sessão.
40	
41	
42	
43	
44	
45	
46	
47	
48	

No excerto 3, Anna narra como foi a segunda sessão do caso em questão. A partir de sua narrativa e de algumas de suas falas, como em: “A forma como ele sentou no sofá, já me veio um estranhamento” (linhas 26 e 27) e “E ai ele contando, né, as demandas dele, o que aconteceu no dia, eu perguntei como ele tava e tal e eu estranhei isso porque ele já sentou, não perguntou, às vezes a gente tem aquele, aquele acordo social “Tudo bem se eu sentar dessa forma, tudo bem se eu fizer isso”, mas ele não fez isso” (linhas 31 a 36), podemos notar que, nesse caso, ainda que a forma como João se comporta não esteja relacionada com as regras anteriormente pré-estabelecidas entre eles acerca da relação de ambos, Anna esclarece que entende que há acordo social que está no senso comum, nos “rituais de interação”. Um exemplo desse entendimento por parte da psicóloga é quando ela mesma diz “fique à vontade” (linha 28), pois a ordem social construída em diversos contextos interacionais é que se deve perguntar se está tudo bem se portar daquela forma, pois foge ao padrão, mesmo que isso já tenha sido “liberado”. Esses momentos de troca entre Anna e João estão relacionados ao que diz Linde sobre o “bom senso”, que segundo a autora, é “um sistema de crenças assumidas como partilhas por todos os membros de uma cultura” (LINDE, 1993, p. 12) e que quando não adotados podem gerar desconforto na interação e nos seus participantes, como gera em Anna.

Quando Anna sinaliza em suas falas “me veio um estranhamento” (linha 27) e “Eu estranhei” (linha 33), vemos que o evento sai do que ela considera comum comparado a uma cadeia de outros eventos sociais, o que pode ser um ponto que traz a reportabilidade à história, visto que costumamos contar coisas que são inesperadas, que fogem do cânone (Bruner, 1997).

Em seguida, ainda no excerto 3, Anna faz uma avaliação sobre sua própria agência nas situações contadas. A psicóloga diz que “para mim foi um grande erro ter feito isso, que aparece que liberou para ele, isso eu pensando depois, né, é:: parece que liberou para ele questões dele ficar à vontade. A forma como ele sentou::u, ele tava usando cigarro eletrônico, parece que ele tava muito à

vontade perto de mim e isso me incomodou” (linhas 42 a 47). Vemos nesse trecho que ela reflete sobre agência frente a situações que afetam os limites da relação, uma vez que ela se sente incomodada com a forma como o paciente se comporta diante dela na situação. Os efeitos semióticos produzidos por diversos elementos como o corpo e o cigarro eletrônico, para a narradora, causaram incômodo. Assim, ela atribui uma carga negativa à ação de seu paciente.

Excerto 4 - A terceira sessão

Anna	49	Ele “Anna, eu tenho uma parada pra falar com você hoje, é::”, ai deu uma respirada assim e
	50	jogou de vez “eu vou precisar encerrar as sessões”. Ai eu “por quê?” e questionando “o que
	51	que aconteceu, tá tudo bem?”. “Porque eu to começando a gostar muito de você”. É:: ai me
	52	encheu de elogios, “você é uma mulher muito foda, por mais que você seja nova, você: já tem
	53	atitude, não sei o que e começou a falar, falar, falar”. Eu falei “João, olha só, isso aqui é uma
	54	pauta de terapia, cê sabe, né?”. Ele “é, eu sei”, porque ele tinha acabado de terminar, foi uma
	55	das outras demandas dele, né. Eu falei. Por menos que eu te conheça, estamos na nossa
	56	terceira sessão, a gente precisa falar sobre isso. Sim vamos encerrar os atendimentos, eu acho
	57	necessário, mas antes eu preciso saber, né, do porquê isso, até pra eu te encaminhar para um
	58	outro psicólogo”.
	59	
	60	
	61	

Apesar de o paciente já ter se posicionado de forma a incomodar a psicóloga anteriormente, nenhum dos dois havia, ainda, trazido isso como pauta para a sessão. Todavia, na terceira sessão (excerto 4), o próprio paciente inicia a sessão falando sobre estar começando a gostar muito de Anna. Nesse momento, o comportamento de João expressa o desequilíbrio na relação entre eles nos lugares de paciente e psicóloga, uma vez que ele não compreende Anna como sua terapeuta, colocando-a na posição de “pessoa que ele gosta”. Diante disso, no entanto, Anna permanece performatizando na identidade de psicóloga, esclarecendo “João, olha só, isso aqui é uma pauta de terapia” (linhas 55 e 56). Anna se utiliza de muitas falas reportadas como essa em sua narrativa, as quais agem de forma avaliativa, visto que, conforme esclarece De Fina (2003, p. 95) “(...) o discurso reportado tem a função específica de transmitir a avaliação de quando os narradores usam suas próprias vozes ou quando usam as vozes dos outros para, de forma implícita, destacar elementos da história”. Desse modo, a fala reportada cria uma ligação entre o evento narrativo e o evento narrado, construindo, assim, avaliações sobre as falas dos personagens da história. Como vemos, Anna inclui uma fala reportada em sua narrativa e logo após emenda que isso era um questionamento. Assim, ela, ao narrar, modela metapragmaticamente os sentidos e a história que está sendo contada. Isso impacta diretamente no resultado não só das forças agentivas de sua ação na narração, como também nas dos outros.

No excerto 5, que narra a continuidade da situação, Anna agenciou a situação de modo a gerar uma mudança, como defende Jorge (2012), na postura de João, no sentido de fazer com que ele

compreenda que ela se coloca à disposição dele enquanto psicóloga, mas nada além disso. Então, o agenciamento de Anna na situação tem por objetivo fazer com que João retroceda às regras específicas determinadas anteriormente por ambos, nos quais eles são psicóloga e paciente, respectivamente. A identidade profissional de psicóloga de Anna mostra-se emergente, isto é, que emerge no contexto (AGHA, 2007); a necessidade de elucidar para João quais são os papéis de ambos nessa situação e na relação entre eles, como quando ela diz: “estou como sua psicóloga e é assim que eu vou permanecer com você” (linhas 69 e 70). O seu agenciamento indexa os limites necessários na relação entre eles para que esta seja saudável, positiva, ética e, sobretudo, terapêutica para ele. Além disso, a impossibilidade de Anna de estar disponível para João sob outra identidade que não a profissional limita o caráter negociável da identidade (LINDE, 1993), pois, nesse caso, ambos precisam compreender e se colocar nos lugares específicos de paciente e psicóloga.

Excerto 5 - Identidade emergente

Anna	62	Ai eu falei, “não, tudo bem, João, vamos lá. Primeiro de tudo, sim, eu vou encaminhar o seu
	63	caso. Segundo, não é porque eu tô aqui” dessa vez eu engrossei a voz, me deu muita vontade
	64	de chorar, muita vontade de chorar ((olhos fechados, voz trêmula)), mas eu engrossei a voz
	65	e falei “Olha só, não é porque eu tô aqui, né, que eu sou sua psicóloga, e você se abriu comigo,
	66	que:: eu tô afim de você::”. Ai eu reforcei “Eu tô aqui como sua psicóloga, mesmo que se
	67	algum dia () alguma coisa, estou como sua psicóloga e é assim que eu vou permanecer com
	68	você. Vou encaminhar seu caso, tem um rapaz que atende aqui comigo, e:: vou encaminhar
	69	seu caso pra ele, se tudo bem pra você”. Por mais que ele me passou essa situação, que eu me
	70	senti muito:, não sei, não sei explicar se eu me senti ofendida ou desconfortável, não sei, mas,
	71	por mais que ele tenha me passado isso ((gesto de inspiração e expiração)), fiquei na calma,
	72	não puni o relato dele, falei que foi importante ele ter falado isso, dele ter comunicado, por
	73	mais que eu tava super desconfortável. É:, eu falei pra ele “olha, você precisa sinalizar isso pro
	74	outro psicólogo, porque você acabou de terminar, eu sou uma pessoa que estou aqui te dando
	75	atenção:, é:, você está me contando seus relatos, então é necessário que isso aconteça, pra
	76	você comunicar”
	77	
	78	
	79	
	80	
	81	

Apesar do que analisamos acerca do excerto 5, vemos, no excerto 6, que João não aceita a negociação de assumir a identidade de paciente e nem de que Anna assuma apenas a identidade de psicóloga. Ainda que Anna, a todo momento tente renegociar com João, como em “Vamos retornar? O que a gente tava conversando?” (linhas 88 e 89) e “vamos retornar ao que a gente tava conversando sobre o encaminhamento?” (linhas 89 e 90) ele se utiliza da interrupção como uma forma de controlar (TANNEN, [1990] 2010) a situação e impedir que a psicóloga consiga agir neste papel, como vemos em: “Ele me cortou e falou assim “Cara, você é muito linda” (linha 82), “Me cortou de novo *não, mas nem a gente sair Eu queria muito sair com você, vamos sair pra jantar*” (linhas 90 e 91).

Fazendo uma comparação entre a forma como Anna reage às falas de João nos excertos 5 e 6, que marcam dois momentos da narrativa, podemos notar que no excerto 5 a psicóloga, mantendo-se nessa posição, tenta analisar a situação sob essa perspectiva enquanto terapeuta e mostra-se preocupada com o impacto que a forma como ela age pode afetá-lo, como vemos em: “fiquei na calma, não puni o relato dele, falei que foi importante ele ter falado isso, dele ter comunicado, por mais que eu tava super desconfortável” (linhas 75 a 77). Nesse momento, Anna demonstra já tratar essa questão como uma demanda de terapia, enquanto João, não. Entretanto, no excerto 6, a psicóloga expressa compreender que os limites dessa relação estavam sendo ultrapassados e age mediando a situação, a partir de uma postura agentiva que se relaciona a definição de Ahearn (2001), como vemos nas falas “Ai eu falei, cara, não dá pra não punir hh isso aqui” (linha 88), “João, não. E eu vou precisar encerrar a sua sessão agora, tá bom?” (linha 93), “falei “olha só, vou mandar mensagem pro fulano de ta:l, falando o seu ca:so, ele vai entrar em contato com vo:cê” e eu fiz um encerramento geral (linhas 95 a 97).

Excerto 6 - Regras quebradas

Anna	82	Ele me cortou e falou assim “Cara, você é muito linda” e na hora que ele me cortou e falou
	83	“cara você é muito linda”, ele encostou o braço dele no encosto do sofá ((gesto com o braço
	84	apoiando)) então ele ficou mais próximo de mim e ele botou a mão no queixo dele assim
	85	((gesto de mão no queixo))e na hora que ele fez isso falou “Cara, cê é muito linda”. Eu falei
	86	“Vamos retornar? O que a gente tava conversando?”. Ai eu falei, cara, não dá pra não punir
	87	hh isso aqui, eu falei “vamos retornar ao que a gente tava conversando sobre o
	88	encaminhamento?”. Me cortou de novo “não, mas nem a gente sair? Eu queria muito sair
	89	com você, vamos sair pra jantar”. Ele me cortava “vamos sair pra jantar, a gente pode fazer
	90	alguma co:isa”. Eu falei “João, não. E eu vou precisar encerrar a sua sessão agora, tá bom?”.
	91	Ai na hora que eu falei “precisar encerrar a sessão”, retornei a falar sobre encaminhamento e
	92	falei “olha só, vou mandar mensagem pro fulano de ta:l, falando o seu ca:so, ele vai entrar
	93	em contato com vo:cê” e eu fiz um encerramento geral.
	94	
	95	
	96	
	97	

Ainda após o encerramento geral da sessão, a psicóloga acompanhou o paciente até a recepção. Durante esse episódio, vemos, como Anna descreve o momento no excerto 7, que o paciente se mantém ultrapassando os limites quando se aproxima fisicamente (linhas 98 a 116) e volta a elogiá-la (linhas 115 e 116), ainda que os limites tenham sido estabelecidos e esclarecidos pela psicóloga, como a impossibilidade de não só não continuarem o atendimento como de não terem algum tipo de relação além dessa. Como definem Mullen et al (1999), o assédio pode ser entendido como a repetição de atitudes importunas, sendo assim, podemos dizer que a psicóloga se sentiu importunada e/ou assediada

por seu paciente nas cenas das narrativas presentes nos excertos analisados, nas quais vemos a repetição de seu comportamento que estava, a todo momento, sendo questionado pela psicóloga.

Esclarecemos que, ao dizer que entendemos que Anna se sentiu assediada, assim como ela disse, uma vez que este foi o motivo de sua participação nesta pesquisa, não estamos fazendo julgamentos e nem algum tipo de análise sobre seu paciente. O olhar da pesquisa volta-se para o lugar da psicóloga participante da pesquisa e não temos pretensão de analisar o caso do paciente.

Excerto 7 - Limites ultrapassados

Anna	98	Na hora que eu levantei, foi tipo aquelas cenas de filme, ele levantou junto comigo, a gente
	99	fez tipo assim ((gesto de mãos pareadas, uma de frente para a outra)), né? Como ele tava
	100	próximo de mim, que ele tava encosta:do, a gente levantou, ele fez tipo um, chega próximo,
	101	não sei especificar qual foi o movimento, mas ele fez tipo assim ((gesto de mãos pareadas,
	102	uma de frente para a outra)). Ai na hora que ele fez assim, eu me afastei, andei até a porta e
	103	abri a porta, ai eu fiquei do lado de fora da sala, esperando, com a mão segurada na porta. Eu
	104	não sei como que eu reagi no momento, mas, na minha cabeça, parece que eu saí correndo.
	105	Mas não foi tão perceptível, né. >Ai eu já abri a porta, esperei lá fora<, fiquei com a porta
	106	aberta. (...) Abri a porta, fiquei do lado da porta de correr pra não ter chance da gente se
	107	esbarrar de novo, ai ele saiu e foi em direção ao bebedouro. Ai eu falei “Olha só, Joao, a gente
	108	encerrou aqui agora, né, vou encaminhar o seu conta:to, precisando de qualquer auxílio para
	109	o encaminhamento pode me mandar mensagem, sem problema”. Ai ele aumentou o tom de
	110	voz e falou assim “Anna, você é muito foda, viu”. Ai eu ((gesto de sorriso sem graça)), dei
	112	um sorriso, não agradei, dei um sorriso e falei “Bom dia”. Fechei, na hora que eu fechei a
	113	porta de correr, eu literalmente fiz assim, eu fechei a porta de correr, abaixei a cabeça, fez
	114	barulho na hora que eu encostei a cabeça, eu tinha até ficado com dor de cabeça, porque, tipo
	115	assim,foi um alívio, foi tipo cena de filme mesmo, fechei e pá.
	116	
	117	
	118	
	119	
	120	
	121	
	122	

A partir da análise dos recortes da narrativa de Anna vemos que ela se utiliza da narrativa como uma forma de se expressar, elaborar identidades e de refletir sobre tais experiências (De FINNA e GEORGAKOPOULOU, 2012) vividas por ela. Além disso, as avaliações feitas pela profissional mostram como é possível utilizar as narrativas como uma ferramenta para planejar ações futuras (POLKINGHORNE, 1988). Por fim, a agência de Anna determinou, no tempo narrado, os limites necessários na relação entre ela e seu paciente e, no tempo da narrativa, pode nos auxiliar a refletir sobre o lugar e o desenvolvimento do(a) psicólogo(a) clínico(a) em situações como essa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem como ação e as possibilidades de agenciamento em situações do nosso cotidiano nos mostram a importância de refletir sobre questões socioculturais sob esse viés. A temática do

assédio é um tema intrinsecamente complexo e que envolve diversos elementos complicadores existentes no âmbito interacional. A posição que ocupa a pessoa que assedia e o assediado pode sugerir diferentes interpretações de uma mesma situação.

A narrativa de Anna expressa as complicações existentes na linha tênue existente na relação entre psicólogas e pacientes, uma vez que compreender, identificar, interpretar uma situação vivida de assédio dentro do consultório psicoterapêutico, por parte da profissional, requer uma alternância no seu olhar sobre seu paciente, da pessoa que é cuidada por ela para a pessoa que a importuna, o que pode, por vezes, ser muito difícil de determinar ou mesmo aceitar.

Anna narra, em sua história, uma situação crescente, na qual o momento de acolhida e construção de vínculo parece significar para o paciente um limite extra inexistente na relação entre eles. É interessante destacar, como estamos falando de assédio, que o momento em Anna impõe sob última instância o limite da relação entre eles, esclarecendo que está no papel de terapeuta, é o mesmo em que ela se sente importunada.

Portanto, ainda que seja um processo bastante subjetivo, compreender como se desenvolve um vínculo com um paciente, sem que os limites da relação sejam ultrapassados, ou ainda que sejam, que consigam ser superados, é um ponto crucial para a psicóloga clínica. Para isso, o processo metarreflexivo da profissional sobre si, sobre sua atuação e sobre seus pacientes é necessário para que a psicóloga seja capaz de compreender os seus limites e consiga, assim, determinar até que ponto deve acolher e quando se sente importunada por um paciente.

Esclarecemos que este trabalho é um recorte de uma pesquisa de tese de doutorado e por isso limitou-se, neste momento, a analisar os aspectos de agenciamento por parte da psicóloga na situação sofrida. Isso justifica os recortes feitos da narrativa da psicóloga que foram necessários. Todavia, destacamos que reconhecemos que há diversos outros aspectos presentes na narrativa, mas que por necessidade de delimitação não foram analisados neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- AGHA, Asif. Regroup identity. In: *Language and social relations*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 233-277, 2007.
- AGUIAR, A.L.S. Assédio Moral: o direito à indenização pelos maus-tratos e humilhação sofridos no ambiente de trabalho, Editora. LTr. São Paulo- SP, 2005.
- AHEARN, L. M. Agency. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 9, nº: 1-2, 1999, p. 12–15. Disponível em: <<https://doi.org/10.1525/jlin.1999.9.1-2.12>>. Acesso em: 20.set.2021.
- _____. Language and agency. *Annu. Rev. Anthropol.* v. 30, p. 109–37, 2001.
- AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. London: Oxford Univ. Press, 1962.
- BAKER, C. “Ethnomethodological analysis of interviews”. In: GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, J. (orgs.). *The Handbook of Interview Research*. Thousand Oaks: SAGE, p. 777-795, p. 2001.
- BASTOS, L.C. BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, v. 31, nº especial, p. 97-126, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/Y8HLKnQRjQs8ZpdHjQY4fqH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 set. 2021.
- BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*. v. 3, n. 2, p. 74-82, 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/21840738/Contando_est%C3%B3rias_em_contextos_espont%C3%A2neos_e_institucionais_-_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_estudo_da_narrativa>. Acesso em: 25 set. 2021.
- _____. Narrativa e vida cotidiana. *Revista Scripta*, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12548>>. Acesso em 25 set. 2021.
- BASTOS, L.B.; SANTOS, W. S. (orgs). *A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quartet : Faperj, 2013.
- BLOCK, D. Unpicking agency in sociolinguistic research with migrants. In: GARDNER, S.; MARTIN-JONES, M. *Multilingualism, discourse and ethnography*. Abingdon: Routledge,. p. 47-60, 2012.
- BRUNER, J. *Atos de significação*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BURNS, D. D; AUERBACH, A. Empatia terapêutica em terapia cognitivo comportamental: ela realmente faz diferença? In: SALKOVSKIS, P. *Fronteiras da terapia cognitiva*. 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012.
- BUTLER, J. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. New York: Routledge. 1997.
- BUTTNY, R. MORRIS, G. Accounting. In ROBINSON, W. and GILES, H. (eds) *The New Handbook of Language and Social Psychology*. Chichester: Wiley and Sons, p. 285-302, 2001.

CAFFI, C. Metapragmatics. In J. L. Mey (Ed.), *Concise encyclopedia of pragmatics*. Amsterdam: Elsevier, p. 82-88, 2006.

DE FINA, A. Narratives in interviews: the case of accounts for an interactional approach to narrative genres. *Narrative Inquiry*, v. 19, nº 2, p. 233-258, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1075/ni.19.2.03def>>. Acesso em: 15 set. 2021.

_____. *Identity in Narrative – A Study of immigrant Discourse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

De FINNA, A. & GEORGAKOPOULOU, A. *Analyzing Narrative – Discourse and Sociolinguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre. Artmed, 2006.

_____. *The Soge handbook of qualitative research* (3rd ed.). Thousand Oaks, California, EUA: Sage, 2005.

DURANTI, A. Agency in language. In: DURANTI, A. (Ed.). *A companion to linguistic anthropology*. Massachusetts: Blackwell, p. 451-473, 2004.

FERREIRA, D. M. M. Do semelhante ao mesmo, do diferente ao semelhante: sujeito, ator, agente e protagonismo na linguagem. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 619-640, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201611377>

FLICK, U. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREEMAN A; DATTILLIO FM. *Compreendendo a terapia cognitiva*. São Paulo: Psy; 1998.

FREUD, S. (1912) “A dinâmica da transferência”. In Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, p. 133-143, 1969.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 12. 147-162, 1996.

GARCEZ, P. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In Ribeiro, B. T.; Lima, C.C.; Lopes Dantes M.T. (org). *Narrativa, Identidade e clínica*. IPUB, CUCA, p. 189-213, 2001.

GUBRIUM F. J.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.

HEIMANN, P. On countertransference. In: *International Journal of Psychoanalysis*, v. 31, nº1, p. 81-84, 1950.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA[IBGE]. *Registros de atendimento da Central à Mulher, Segundo o tipo de relato – Brasil: 2009 à 2012*. Disponível em: <https://teen.ibge.gov.br/es/noticias-teen/2822-violencia-contramulher>. Acesso em: 20 set. 2021.

JEFFERSON, G. Issues in the transcription of naturally occurring talk: caricature versus capturing pronuncional particulars. *Tilburg papers in language and literature*, v. 34, nº 1, p. 1-12, 1983.

JONES, L.; SHERIDAN, L. Stalking and harassment of mental health professionals by patients in a community forensic service. *The British Journal of Forensic Practice*, v. 11, nº1, p. 30–37, 2009. Disponível em: <10.1108/14636646200900007>. Acesso em: 16 set. 2021.

JORGE, Ana Maria Guimarães. Uma releitura de “agency” entrevistado pela consciência e propósito. *Semeiosis*, São Paulo, n. 4, jun. 2012. Disponível em: <www.semeiosis.com.br/uma-releitura-de-“agency”-entrevistado-pela-consciência-e-propósito/> Acesso em: 26. set. 2013.

KIVISTO, A. J. *et al.* North American psychologists’ experiences of stalking, threatening, and harassing behavior: A survey of ABPP diplomates. *Professional Psychology: Research and Practice*, v. 46, nº 4, p. 277–286, 2015. Disponível em: <10.1037/pro0000025>. Acesso em: 16 set. 2021.

KLEIN, M. As origens da transferência. In: KLEIN, M. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, p. 70-80, 1952.

LABOV, W. *Language in the inner city: Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

LEITNER, L. M. Optimal therapeutic distance: A therapist's experience of personal construct psychotherapy. In R. A. Neimeyer & M. J. Mahoney (Eds.), *Constructivism in psychotherapy*. American Psychological Association, p. 357–370, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/10170-015>. Acesso em: 20 set. 2021.

LINDE, C. *Life Stories: The Creation of Coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.

MISHLER, E. *Storylines: Craftartists’ Narratives of Identity*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

_____. *Research interviewing. Context and narrative*. Cambridge, Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L.P. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MORANDI, T. B. *et al.* Assédio moral no ambiente laboral: o contexto da violência psicológica contra as mulheres. *Ciências Sociais em Perspectiva*, v. 17, n. 32, p. 186 – 212, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/18544>. Acesso em: 30 set. 2021.

MULLEN, P. E. *et al.* Study of stalkers. *The American Journal of Psychiatry*, v. 156, nº 8, p. 1244 – 1249, 1999.

PEREIRA, M.G.D. CORTEZ, C. M. Narrativas como práticas de agentes comunitárias: a fala ‘no’ e ‘sobre’ o trabalho em uma reunião sobre o tratamento da tuberculose. *Calidoscópio*, v.9, n. 2, p. 80–95, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2011.92.01>. Acesso em: 21 set. 2021.

POLKINGHORNE, D. E. Narrative Knowing and the Human Sciences. Albany: State University Press, 1988.

POVINELLI, E. Pragmáticas íntimas: linguagem, subjetividade e gênero. Revista de Estudos Feministas, v. 24, n. 1, p. 205-237, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/ZPvfkMdqJ94z3tCGCZg5jXm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2021.

RAJAGOPALAN, K. Política linguística: do que é que se trata, afinal? In: NICOLAIDES, C. et al. (Orgs.). Política e políticas linguísticas. Campinas: Pontes, p. 19-42, 2013.

RIESSMAN, C. K. Narrative Methods for the Human Sciences. California: Sage Publication, 2008.

ROGERS, C. R. Client-centered therapy. Boston: Houghton Mifflin, 1951.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In BASTOS, L.B.; SANTOS, W. S. (orgs). A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, p. 37-46, 2013.

SANTOS, William Soares dos; VALLE, Gabriela Viol. AGENCIAMENTO NA RELAÇÃO PSICÓLOGA-PACIENTE: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA SOBRE ASSÉDIO NO CONSULTÓRIO PSICOTERÁPICO. ARACÊ, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 18349–18370, 2024. DOI: 10.56238/arev6n4-429. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2558>. Acesso em: 27 dec. 2024.

SANTOS, William Soares dos; BASTOS, L. “Me tire de todos os laços que eu não agüento mais” – memória e a construção do sofrimento em uma narrativa de conversão religiosa. ReVEL, v. 7, n. 13, p. 1-17, 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_memoria_e_a_construcao_do_sofrimento_em_uma_narrativa_de_conversao_religiosa.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

SARANGI, S. Activity Types, discourse types and interactional hybrity: the case os genetic counselling. In: Sarangi, S; Coulthard, M. (Eds.) Discourse and social life. Logman: London, p. 1-27, 2000.

SCHEGLOFF, E. Narrative analysis: thirty years later. Journal of Narrative and Life History, v. 7, n° 1-4, p. 97-106, 1997.

SCHIEFFELIN, B. B. The Give and Take of Everyday Life: Language Socialization of Kaluli Children. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1990.

SCHIFFRIN, D. Intonation and transcription conventions. In: _Discourse markers. Cambridge, Cambridge Univ. Press, p. 9-10, 1987.

SCOTT, M.; LYMAN, S. Accounts. American Sociological Review, v. 33, n° 1, p. 46-62, 1968. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2307/2092239>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SEARLE, J. R. Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 1969.

STEVEN, R. *et al.* The stalking of psychologists by their clients. *Professional Psychology: Research and Practice*, v. 33, nº 5, p. 490–494, 2002. Disponível em: <doi:10.1037/0735-7028.33.5.490>. Acesso em: 14 set. 2021.

TANNEN, D. “Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle”. Trad. de Débora de Carvalho Figueiredo. Em: OSTERMANN, A. C. e FONTANA, B (Orgs). *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, p. 67-92, [1990] 2010.

TRYON, G. S. Abuse of therapists by patients: A national survey. *Professional Psychology: Research and Practice*, v. 17, nº. 4, p. 357–363, 1986. Disponível em:< doi:10.1037/0735-7028.17.4.357>. Acesso em: 14 set. 2021.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 1 – 13, 1978.

YOUNG, J.E, et al. *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed; 2008.